

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

PROGRAMA PESQUISADOR COLABORADOR

Projeto de Pesquisa

NILISMO, POÉTICA DO MITO E CRÍTICA DA SUBJETIVIDADE NO TEATRO DE SARTRE - COM TRADUÇÃO COMENTADA DA PEÇA INÉDITA “*BARIONA, OU O JOGO DA DOR E DA ESPERANÇA.*”

Postulante: CAIO CARAMICO SOARES

Supervisão: Prof. Dr. FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA

RESUMO

O projeto aqui delineado se volta para a análise da gênese da trajetória teatral do filósofo e escritor francês Jean-Paul Sartre (1905-1980). A partir do exercício de traduzir sua primeira peça, ainda inédita no Brasil, “*Bariona, ou o Jogo da Dor e da Esperança*” (de 1940), concebida e encenada por Sartre junto a seus companheiros de confinamento num campo de prisioneiros dos nazistas, pretendemos avaliar a importância dela na definição dos moldes centrais do projeto dramático de Sartre. Tais moldes, por sua vez, serão objeto de um escrutínio que atentará ao peculiar manejo que Sartre confere à “poética do mito”, fenômeno literário que o crítico russo E. M. Mielientinski mostrou ser um dos traços fundamentais da cultura ocidental no contexto das graves crises sociais, políticas e “espirituais” que marcam o século XX (e o XXI).

Supondo a poética do mito como, ao mesmo tempo, sintoma e via de autossuperação do niilismo diagnosticado por Nietzsche, vamos mostrar como ela ganha corpo no teatro sartriano em dois grandes níveis: 1) o da releitura de grandes temas míticos, caso do nascimento de Jesus Cristo em *Bariona*, ou da vingança de Orestes, em *As Moscas*; 2) a valorização da dimensão *ritual* do teatro como oportunidade de quebrantamento dos limites do individualismo burguês, o que nos permite desvelar os palcos, para Sartre, não como mero lugar de “ilustração” didática de fórmulas filosóficas abstratas, mas sim experiência autônoma e, além disso, matricial para a própria guinada filosófica e política do autor no pós-guerra, rumo aos engajamentos políticos que firmaram a posição de Sartre como arquétipo de uma ética intelectual da resistência, portanto farol inspirador indispensável para nós, ante os tenebrosos riscos de retrocesso fascista em nosso tempo.

PALAVRAS-CHAVE:

SARTRE – TEATRO – MITO – NIETZSCHE - NIILISMO

INTRODUÇÃO

*Ich bin der Geist, der stets verneint!
Und das mit Recht; denn alles, was entsteht
Ist wert, dass es zurgrund geht;
Drum besser wär 's, dass nichts entsünde*

(Sou o espírito do sempre negar!
E com razão; pois tudo o que vem a se plasmar
Serve somente para um dia acabar;
Logo, melhor seria nada vir a se formar”).

Esses versos do *Fausto*, de Goethe, não poderiam faltar em qualquer antologia dos testemunhos-chave sobre o sentimento niilista nos tempos modernos. Não por acaso são palavras do demônio Mefistófeles: o niilismo, do ponto de vista da crença milenar da humanidade num Criador justo e misericordioso, ou das

representações gregas e iluministas de um “cosmos” fundamentalmente congruente, racional e benigno, é uma blasfêmia. Uma voz discordante e expulsa do coro dos súditos contentes com o reinado de Deus ou da Razão. Por séculos, uma voz abafada, marginalizada, reprimida. Mas não na modernidade, sobretudo a partir do século XX, era de catástrofes e de desalentos que tornaram a hipótese niilista, de que a vida é uma arena absurda de luta, sofrimento, ilusão e morte infinitamente repetidas, hostil a toda captura por nossas representações, mais “real” (no sentido de Lacan) do que nossos ingênuos realismos, uma possibilidade intelectualmente respeitável. Mais que isso, uma vivência corriqueira, por maior que seja a resistência de crenças subjetivas que procuram mitigar e dotar de sentido os assédios do caos.

Nem chega mais a propriamente chocar, tal nossa familiaridade com exemplos cotidianos disto, o “*punch*” da denúncia de Schopenhauer de que não temos razão nenhuma de supor que viemos ao mundo com qualquer “direito de ser feliz”: a vida do homem, diz o grande pessimista, “é um combate perpétuo, não só contra males abstratos, a miséria ou o aborrecimento, mas também contra os outros homens. Em toda parte, encontra-se um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão” (Schopenhauer, A., 2016, p. 26).

O niilismo é um visitante incômodo. “Bate à porta”, diz Nietzsche, em possível paródia da fala de Cristo em Apocalipse 3, 20: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo. Mas esse novo visitante é o “mais inquietante de todos os hóspedes” (Nietzsche, F., 2008, p. 27). Será, a seu modo, um novo redentor? Ele é, de toda maneira, um desafio de grande monta, não apenas como uma questão intelectual, mas como uma aterrorizante pedra no meio do caminho.

Etimologicamente, niilismo vem do latim *nihil*, “nada”; no dizer de Franco Volpi (2012), é “o pensamento obcecado pelo nada”. É interessante, para nós que nos interessamos em trilhar um caminho de indissolúveis entrelaçamentos entre filosofia e literatura, que o problema do niilismo, de tanta densidade filosófica, tem uma gênese marcadamente *literária*, se recordarmos do impacto do romance *Pais e Filhos* (1862), de Turgueniev, e das réplicas a ele por Dostoievski também mediante grandes obras de ficção, de *Os Demônios* a *Os*

Irmãos Karamazov, como contexto decisivo de emergência da problemática niilista, depois retomada por Nietzsche, seu “primeiro grande profeta e teórico” (Volpi, F., *ibid.*, p. 8).

O niilismo, para Nietzsche, pode ser uma espécie de mal necessário, enquanto tomada de consciência da inconsistência dos velhos valores supremos, para o lidar autêntico com os enigmas dolorosos da existência. Mas essa vivência em si mesmo saudável do desencantamento do mundo -a fórmula célebre com que Max Weber deu tradução sociológica à questão de Nietzsche da “morte de Deus” (cf. Fleischmann, E., “Weber e Nietzsche”, in: Cohn, G., 1977, p. 136ss) -pode também se reduzir a uma armadilha nefasta.

Pode dar nome ao tipo de degradação espiritual e material que o próprio Max Weber designou como a “jaula de ferro” da moderna sociedade burocratizada, pode ser a infecção pelo torpor e pela mesquinha moral, num mundo em que tudo “tanto faz”, afinal “nada tem sentido”. Este é o “niilismo passivo” que Nietzsche critica, como o último avatar do moralismo cristão: a renúncia pessimista à vontade de viver, em Schopenhauer, por exemplo, reeditaria a velha fuga ascética e condenação da vida tal como ela é, mesmo não contando com algum tipo de recompensa num “Mundo Melhor” após a morte.

Daí Nietzsche pregar a necessidade de um *niilismo ativo*, isto é, que assume a necessidade heroica da criação de novos valores doravante lúcidos quanto a seu próprio valor ficcional num mundo em si mesmo absurdo. Valores que já não são sintoma de “*décadence*”, esgotamento, fastio, mas sim de “poder incrementado do espírito”, (Nietzsche, F., 2008, p. 36). Teremos oportunidade, ao longo da pesquisa –e das atividades docentes que pretendemos fazer acompanhar este ciclo de trabalho pós-doutorado, como mais adiante especificaremos- de mostrar com mais minúcias as raízes literárias (pela recepção a escritores como Turgueniêv e Dostoievski) e o desenvolvimento do conceito de niilismo em Nietzsche, bem como a “cura” que ele vem a propor mediante o conceito, ou antes, a *imagem* (também de cunho fortemente literário, assim como a natureza da obra que lhes deu à luz, *Assim Falou Zaratustra*) do “super-homem”. Diferentemente de um personagem de glamour hollywoodiano, ou pior, um brutamontes aos moldes da (des) leitura nazifascista que foi imposta a Nietzsche nos anos 1930- o que está em jogo aqui é uma sutilíssima

personificação mítica de um tipo disruptivo de individuação que tornaria o homem não um novo “deus”, substituto do que ele próprio “matou”, ou herói capaz de pairar por sobre o fardo da terra, mas um ente profundamente enraizado na imanência, e capaz de fazer-se criador de novos valores, novas balizas dignificadoras do viver, não mais como imposições dogmáticas, e *falsas*, mas *inventadas*, no seio deste solo ontológico que Sartre, na esteira de Nietzsche, viria a nomear como a liberdade radical, e ao mesmo tempo “situada” no mundo, precípua ao ser humano ou ser *para-si*. A diferença entre o *falso* e o *inventado* é também a diferença entre a mentira que oprime, distorce, “entristece” (no sentido espinozano), esvazia a potência do ser, e a criação que engrandece a vida e faz dela uma obra de arte.

Estas considerações gerais servem de moldura conceitual do projeto que aqui vamos delinear.

Pretendemos explorar a relação entre filosofia e literatura, entre razão analítica e criação “mitopoética”, na singular variedade de manifestação e combate do niilismo que foi a obra de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Mais especificamente, queremos lançar novas luzes sobre a experiência dramática sartriana, conforme inaugurada com a peça *Bariona, ou o Jogo da Dor e da Esperança* (1940).

Isso equivale a uma retomada, a modo de espiral, ou numa repetição com diferença, para evocar Deleuze, da rica experiência de nosso mestrado, em que analisamos e viemos a traduzir a peça de Sartre imediatamente posterior a *Bariona*, isto é, *As Moscas* (1943), [(Sartre, J.-P., 2005a); Liudvik, C., (2007)].

O *teatro de situações*, como Sartre nomeia seu estilo dramático, traduz nos palcos a defesa existencialista da liberdade radical do ser humano, conforme exposta pelo autor no ensaio clássico *O Ser e o Nada* (1943) e na conferência “O Existencialismo é um Humanismo” (1945).

“Se é verdade”, diz Sartre, “que o homem é livre numa determinada situação e que se escolhe a si mesmo na e através desta situação, cabe mostrar no teatro situações simples e humanas e liberdades que se escolhem nestas situações. O caráter [*caractère*] vem depois, quando a

cortina caiu. Ele não é senão o endurecimento da escolha, sua escolha. (...) O que o teatro pode mostrar de mais emocionante é um caráter em vias de se fazer, o momento da escolha, da livre escolha que implica uma moral e toda uma vida. A situação é um apelo: ela nos interpela; ela nos propõe soluções, cabendo a nós decidir. E para que a decisão seja profundamente humana, para que ela ponha em jogo a totalidade do homem, a cada vez cabe levar à cena situações-limites, ou seja, que apresentem alternativas entre as quais está a morte” (Sartre, 1992, p. 20.).

“*Bariona, ou o Jogo da Dor e da Esperança*” (in: Sartre, J.-P, 2005b) é um auto de Natal que Sartre escreveu a partir de novembro de 1940 e fez encenar em 24, 25 e 26 de dezembro daquele ano, durante seu cativeiro no Stalag XII D, em Trier, campo de prisioneiros de guerra dos alemães ao qual Sartre, como soldado francês capturado pelas tropas nazistas, fora transferido em outubro.

Trata-se de releitura do mítico nascimento de Cristo, por meio do qual Sartre conclama, de modo camuflado, seus companheiros de cativeiro à Resistência. Ele retoma o episódio bíblico e lhe acrescenta, entre outros *desvios* (no sentido específico que o termo assume no teatro contemporâneo; cf. Pavis, P., 2017, p. 81-82), um personagem inventado *ad hoc*, Bariona, que será o líder do levante judeu contra o dominador romano (metáfora do invasor alemão).

Conjugando-se à tradução deste texto, nosso estudo pretende mostrar a importância da peça como experiência matricial para o sentido e propósito que virão a ser assumidos pelo projeto dramático sartriano, indissociável da doutrina do engajamento político como paradigma da vida intelectual e da criação literária (cf. Denis, B., 2002, p. 267ss). Sartre assim se alinhava a uma tendência maior do teatro desde os anos 20 do século passado, a partir de Piscator e Brecht na Alemanha, isto é,

o uso resolutivo da cena como “arma política completa a fim de evocar uma situação ou travar um combate. O teatro convida então implicitamente o público a reconsiderar sua situação sociopolítica no mundo e a tirar daí as devidas consequências: tomada de consciência, revolta e até revolução.

Sem o que estamos condenados a permanecer nas ‘águas geladas do cálculo egoísta’ (Marx)” (cf. Pavis, P., 2017, p. 240).

Esta dimensão explicitamente “política” do engajamento sartriano em geral, sobejamente conhecida, exaltada e criticada segundo o ponto de vista de quem o examina, esconde dimensões mais sutis, que o teatro, e *Bariona*, como sua matriz ideológica, poderão nos ajudar a elucidar.

Uma dessas dimensões, cuja importância justifica que ela conste no próprio título do projeto, é a *crítica da subjetividade*.

Inspirados pela crítica pós-estruturalista, notadamente a avançada por Deleuze e Guattari, ao sujeito moderno codificado por Descartes e, mais tarde, sobretudo por Kant e Husserl, queremos mostrar como o teatro ajuda a pensar este “new Sartre” que Nik Farrell Fox (2003), no terreno mais especificamente filosófico, apresenta justamente em diálogo com os “nietzschianos franceses” (além dos autores de *O Anti-Édipo*, podemos citar Foucault, Derrida, Lyotard, entre outros) que, a partir dos anos 60, radicalizaram a crítica estruturalista a um Sartre reduzido –equivocadamente, mostra Fox- a um mero herdeiro do subjetivismo cartesiano.

Nossa intenção é demonstrar como a experiência concreta, no cativeiro e depois na Resistência, foi um fator existencial que, mediatizado pela explosão da criatividade dramaturgica, veio a transformar consideravelmente o individualismo abstrato que, aqui sim, poderia ser imputado ao horizonte das *primeiras obras* de Sartre, notadamente seu romance *A Náusea*.

Vejamos, a propósito da abertura de nosso autor a uma dimensão por assim pré- ou transsubjetiva da experiência humana, afim à celebração dionisíaca de Nietzsche da quebra do *principium individuationis* na tragédia grega, o modo como ele se refere a *Bariona* no seguinte testemunho:

“Minha primeira experiência teatral foi particularmente feliz. Quando prisioneiro na Alemanha em 1940, escrevi, dirigi e atuei em uma peça de Natal que, enganando o censor alemão por meio de símbolos

simples, se endereçava aos meus companheiros de cativeiro. Esse drama, que não era bíblico senão em aparência, havia sido escrito e montado por um prisioneiro, interpretado por prisioneiros com cenários pintados por prisioneiros; ele era exclusivamente destinado a prisioneiros (a tal ponto que jamais permiti depois que fosse montado ou até impresso). E ele se endereçava a eles falando de suas preocupações de prisioneiros. Sem dúvida a peça não era boa nem foi bem interpretada: era um trabalho de amadores, diriam os críticos, produto de circunstâncias particulares. No entanto, como eu me dirigia a meus camaradas (...) lhes falando de sua condição de prisioneiros, quando os vi tão notavelmente silenciosos e atentos, compreendi o que o teatro deveria ser: um grande fenômeno coletivo e religioso" (Sartre, J. P., 1998, p. 63–64).

Também chama a atenção, se considerarmos o ateísmo radical que marca do começo ao fim a trajetória de Sartre –tendo contribuído para que a Igreja condenasse ao Index todas as suas obras, em 1948-, a exaltação de uma suposta natureza “religiosa” do fenômeno teatral. Ou seja, um ateu se vê “convertido” não à religião, que não cansa de denunciar como uma forma de alienação, mas ao teatro, porém um teatro reconhecido e admirado -e usado politicamente – pela sua natureza “religiosa”.

Como entender este paradoxo?

Respostas só poderão emergir ao longo da investigação. Mas nossas procuras se orientarão pela suspeita de que esta “religiosidade” teatral *sui generis* de Sartre, que aliás atuou como um dos reis-magos (Baltazar) em sua *Bariona* – um dos personagens mais significativos do ponto de vista do conteúdo “filosófico” existencialista que a peça tem a transmitir- pode ser considerada o impulso embrionário do que, em termos mais “laicos”, viria a ser no pós-guerra a amplamente conhecida defesa sartriana do engajamento intelectual nas lutas sociais e políticas pela libertação, até antes da guerra entendida mais num registro subjetivista, do homem envolto no drama de seus absurdos particulares.

Esta nova postura ético-estética abriu caminho para a série de intervenções de Sartre em causas anticolonialistas, no movimento comunista internacional e, em nível teórico, para uma crescente fusão de horizontes entre existencialismo e um certo marxismo, desde que este fosse também, como o mito cristão em *Bariona*, “relido” de modo *desviado*, isto é, redimido do descaso teórico (e político, nos regimes totalitários de esquerda) às prerrogativas da individualidade concreta, e despojado das declinações economicistas, mecanicistas e deterministas que tentam apagar a especificidade da liberdade humana, a tragicidade irreduzível da existência e suas possíveis reverberações culturais, como a criação literária.

Aqui entramos na seara da terceira grande dimensão conceitual que nos pauta o escrutínio de *Bariona* e do teatro sartriano em geral: a *poética do mito*, enquanto fenômeno cultural, e especialmente literário, que segundo o grande crítico russo E. M. Mielietinski (1989) marca a cultura ocidental no bojo da grave crise (niilista) acarretada pela decepção que as catástrofes do século XX representaram para a confiança racionalista na ciência, no progresso histórico e, no âmbito literário, nas formas realistas e naturalistas do romance burguês do século XIX.

A poética do mito tem entre suas grandes expressões romances como *Ulisses*, de Joyce, *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann e a crítica literária de um Northrop Frye, inspirada na valorização da dimensão mítico-ritual originária da cultura e da literatura humanas; também podemos aproximar do conceito de Mielietinski a psicologia mítica de Carl Jung, que entendemos também como perfeitamente “traduzível” como um vasto empreendimento imaginativo e, por que não, ficcional, ponto que nos tem ficado cada vez mais claro a partir de experiências como o desbravamento do até pouco tempo inédito *O Livro Vermelho* (traduzimos, aliás, o mais importante comentário a este experimento psico-literário de Jung em livro lançado este ano pela editora Vozes; cf. Nante, B., 2018).

Do ponto de vista do estudo da obra de Sartre, o mais interessante aqui é constatar como a poética do mito é contemporânea histórica do niilismo. É, em certo sentido, um sintoma niilista, já que seu resgate de certa ideia de “mito” se dá na conquista de um espaço virtual, “*in between*”, que não se prende nem ao literalismo do mito como forma de crença objetiva das sociedades arcaicas, nem às premissas da *Alfklärung*, entre as quais o subjetivismo pretensamente racional da sociedade burguesa e uma de sua forma artística por excelência no século XIX, o romance realista.

Pretendemos, na linha do que já esboçamos em pesquisas anteriores, aprofundar a aplicação da chave desta poética do mito na esfera do teatro existencialista, agora atentando para o poderoso simbolismo que o nascimento do ícone mais sagrado do Ocidente tem quando “repetido” e “diferido”, nos termos já não de uma crença, mas de uma fabulação poética, pelo “anticristo” que é como Sartre, ou sua companheira Simone de Beauvoir, são geralmente encarados nos círculos católicos mais conservadores (inclusive nos dias de hoje, com o bombardeio incessante, e de tipo mais que conservador, propriamente fascista, que vemos se disseminar contra, por exemplo, a dita “ideologia de gênero”, o feminismo, etc).

O “jogo da dor e da esperança”, no subtítulo da peça, sugere o que está em jogo neste “natal”: o nascimento de um ‘niilismo ativo’ que, como tal, não apaga o desespero intrínseco à condição humana, mas não aceita mais a passividade conformista ou escapista diante do absurdo (a “religião do Nada”, defendida no início da peça pelo personagem principal) antepondo a força dos projetos humanos, de nossa liberdade, à indiferença e contingência bruta das coisas.

Pretendemos, para marcar a diferença que o teatro implica em relação às premissas do Sartre de antes da guerra, comparar *Bariona* com *A Náusea* (Sartre, 2015), romance de 1938, o primeiro de Sartre a ser publicado. Nele, assistimos a eclosão da dor do absurdo e a corrosão de toda “esperança”, na escala da situação de vida de um homem em particular, um historiador (Antoine Roquentin). Por meio do diário do protagonista, Sartre exprime suas próprias crises depressivas ao longo dos anos 30, na condição de jovem professor de

filosofia num liceu interiorano e com dificuldades para deslanchar como escritor, e emprega com maestria todos os seus dons fenomenológicos para compor um dramático panorama dos processos de consciência de um intelectual em crise: a crescente desmotivação em prosseguir sua pesquisa historiográfica, acelerada por um clima psíquico de solidão (note-se que “Melancolia” foi o título inicialmente cogitado para o livro).

A dúvida metódica que Descartes realizara em seu *Discurso do Método*, Sartre a transpõe para um romance. Não se trata de mera “tradução” de conceito em alegoria, mas –e aqui voltamos ao problema das relações entre filosofia e literatura- de uma radicalização de experiência, dificilmente alcançável sem os recursos próprios da fabulação narrativa, mas rente à dimensão concreta, ambígua e mais ou menos opaca dos afetos, percepções e ilusões com que vão se fiando as tramas ficcionais de nossas escolhas e destinos pessoais e coletivos. (*A Náusea*, apud Bornheim, *ibid.*, p. 21).

Sartre, em *A Náusea*, faz opção pela escrita na forma de diário: mimese formal, por assim dizer, do aspecto aleatório, fragmentário e contingente de nossa experiência corriqueira. Sugere, a partir do fascínio de Roquentin por uma música de jazz, uma espécie de “salvação pela arte” que tentaremos demonstrar, não esconde a tendência de fuga platonizante a um além-mundo e de condenação da existência real, contingente, como algo digno de “vergonha” –daí a possível pertinência da aplicação do conceito nietzschiano de *niilismo passivo* a que aludimos acima.

O aprofundamento desta caracterização, ao longo da pesquisa, nos dará o termo comparativo necessário para aquilatar a dimensão da ruptura pessoal e intelectual que a experiência da guerra e do cativeiro no Stalag –“palco” de *Bariona*- representaria para Sartre, apenas dois anos depois da publicação de *A Náusea*.

Ao invés de histórias que fizessem as pessoas “se envergonharem de sua existência”, como quer Roquentin, o teatro, a começar de *Bariona*, serviria para Sartre como plataforma de veiculação de histórias que estimulassem as pessoas a se *apropriarem* de sua existência, de sua própria história, e lutassem contra os

fatores concretos que, eles sim, são vergonhosos enquanto forças de negação da dignidade humana, em sua liberdade que, antes de direito político, é, no existencialismo sartriano, um dado ontológico da condição humana.

Em termos nietzschianos, o engajamento que em *Bariona* se utiliza do mito cristão do Natal no apelo à Resistência equivaleria, é nossa hipótese, à passagem de Sartre do niilismo passivo ao niilismo ativo. Mas em *A Náusea*, paradoxalmente, também estariam dadas as condições de possibilidade para este “salto”, em especial pelo esgotamento das expectativas do protagonista acerca do valor da história literalista, positivista, dos fatos “tais como foram”, do passado não reapropriado à luz do presente e sob a chave da potência da recriação artística – ou seja, do mito.

Como identificar e entender a passagem de Sartre do niilismo passivo de *A Náusea* ao niilismo ativo de *Bariona*? A relação entre mito e história será aqui uma chave fundamental, e que nos solicitará outro nível de diálogo intenso com a filosofia trágica de Nietzsche. Desde *O Nascimento da Tragédia* (1872), em que pensa o devir da arte e da civilização grega na chave dos encontros e desencontros entre os deuses Apolo e Dionísio, Nietzsche antecipou, entre outras revoluções, a revalorização do pensamento mítico que o racionalismo ocidental até então proscovia como um sinônimo de mentira, ilusão ou, quando muito, mero entretenimento; ele pode ser considerado o inaugurador da “poética do mito” na filosofia (cf. Mielietinski, E. M., 1987, p. 2), deste renascimento e “transvalorização” da experiência mítico-ritual arcaica como uma “esperança” de ir além da “dor”, para lembrarmos o título de *Bariona*: esperança de reencantamento do mundo a partir do modo como interpretamos este mundo, sem fugas supramundanas, mas na exaltação dionisíaca do instante e do eterno retorno, que é sempre, lembra Deleuze, eterno retorno da diferença.

“Alguns autores sustentam que antes do advento da filosofia helênica –na Grécia arcaica– os termos *logos* e *mythos* não se opunham: ambos se referiam a um relato sagrado transmitido oralmente, ao pé do ouvido, de geração em geração. É no limiar da filosofia helênica (pré–

socráticos, Platão, Aristóteles) que se instaura com força crescente uma antinomia entre os termos, antinomia feroz, onde o Logos impõe ao *mythos* um duro revés. Logos começa a tomar o sentido grave e benfazejo de um ‘discurso bem regrado’, disciplinado para a ‘conquista da verdade’, sentido a um passo daquele de raciocínio ou de razão. Mythos, a sua vez, se vê depreciado na conotação da palavra que serve para ‘criar a ilusão’” (Beivides, W. 2002, p. 129).

Essa cisão se acirrará com a metafísica moderna, que vê na razão matemática ou empírica os únicos meios de acesso legítimo à “verdade”, sendo tudo o mais produto de fantasias, de “imaginações”, que um cartesiano como Malebranche decretaria serem “amantes do erro e da falsidade” (Durand, G., 2001, p. 10).

Ora, com Nietzsche a própria noção tradicional de “verdade” entra em crise (cf. Machado, R., 1984), e uma das repercussões deste fato é que, como ainda acontecia, de certo modo, em Platão (a considerar seu incessante apelo a lendas e alegorias como a da caverna), logos e mito voltem a compor uma “razão-total (*Vernunft-Totum*). Análise conceitual e sinopse mítica não estão em uma relação que se exclui reciprocamente. (...) Mitos construídos, mitos ligados a experiências fundamentais do homem, mitos que as colocam em uma nova sequência imagética –eles avançam em direção a um instrumento ilustrativo-filosófico que visa à modificação do indivíduo e da unidade cultural coletiva. (...) Estão a serviço da vida que se afirma e que cresce ininterruptamente” (Hufnagel, E., “Mito / Mitologia”, in: Niemeyer, C., org., 2014, p. 375-6).

Um exemplo disso é a crítica ao historicismo literalista (“história de antiquário”) e a dimensão mítico-existencial do conceito de “história monumental” na segunda das *Considerações Extemporâneas* que Nietzsche publica pouco depois de *O Nascimento da Tragédia*, “Da Utilidade e Desvantagens da História para a Vida”, que nos será indispensável retomar (cf. Nietzsche, F., 2005).

Neste texto do jovem Nietzsche, intuímos a presença de elementos fundamentais para a compreensão da reviravolta que se passa no espírito do ainda “jovem Sartre” durante o choque da Segunda Guerra, do cativo e

descoberta apaixonada do teatro. Na “história monumental” de Nietzsche poderemos talvez encontrar a primeira versão do que, em Sartre, será esta paradoxal “religiosidade ateia” encarnada pelo mito e rito teatrais.

Quanto à valorização da ideia de mito, ela transparece em declarações de Sartre, tal como esta:

“Não creio que o teatro possa ser extraído diretamente de eventos políticos. Por exemplo, eu nunca teria escrito *Os Sequestrados de Altona* [1959] se ela se resumisse a uma simples questão de conflito entre Direita e Esquerda. Para mim, *Altona* está vinculada com toda a evolução da Europa desde 1945, tanto com os campos de concentração soviéticos, quanto com a guerra da Argélia. O teatro deve tomar todos esses problemas e transmutá-los em forma mítica. (...) Estou sempre em busca de mitos; em outras palavras, de temas tão sublimados que sejam reconhecíveis por todo mundo, sem qualquer recurso a detalhes psicológicos insignificantes” (apud Mézaros, I., p. 52, nota 3).

Declarações desta natureza, não raras ao longo da coletânea teórica *Um Théâtre de Situations*, respalda já no plano de imanência da aventura sartriana o diálogo que pretendemos esboçar com a teoria de Mielietinski da poética do mito, que por nossa conta pretendemos reler na chave do “ritornelo”, ou eterno retorno da diferença, para dizer como Deleuze e Guattari, pela qual o mito e o rito, enquanto formas “religiosas” de doação de sentido ao mundo e de agenciamento coletivo dos homens, pode reaparecer, “renascer”, no Natal da dramaturgia existencialista.

JUSTIFICATIVA

As ideias e a produção dramática de Sartre tiveram um impacto histórico no Brasil, atestado em montagens como *A Engrenagem*, do teatro Oficina, quando da vinda de Sartre ao Brasil em 1960, influenciando grandes autores como Plínio Marcos e suscitando acirrados debates na crítica especializada jornalística e acadêmica, conforme atesta Luís Antônio Contatori Romano (2002).

O oferecimento da tradução da primeira peça de Sartre –além do próprio fato de suprir a ausência para nossa língua de obra de caráter universal– e uma compreensão mais profunda dos elementos míticos e “religiosos” de sua dramaturgia, podem encontrar ressonância ainda com o sentimento religioso de um país como o nosso, antropologicamente tão marcado pelo apreço à dimensão dos rituais sagrados e profanos que exprimem anseios de transcendência e de libertação social e libidinal. A luta contra o fascismo, pauta cada vez mais urgente, não pode deixar em mãos fascistas a celebração fundamentalista de “mitos” autoritários, podendo encontrar na energia mítica inspiração poderosa para o resistir, que em Sartre é um verbo, um comando de ação, ontologicamente muito próximo ao próprio existir.

Ainda quanto à atualidade do problema do niilismo, ela é inegável. A imprensa não cessa de nos trazer histórias e números alarmantes sobre o aumento de casos de depressão e ansiedade nos dias que correm, o que podemos identificar como um sintoma enfático do embotamento niilista da alegria de viver. O desemprego, a miséria, as massas comprimidas em sistemas de transporte e de habitação precários, as taxas assustadoras de homicídios e de suicídios podem ser elementos indicativos de um niilismo difuso e muitas vezes letal que se espalha no íntimo das consciências e na concretude objetiva da qualidade de vida.

O niilismo tem também uma dimensão biopolítica, que, conforme Peter Pál Pelbart (2016), é onipresente nos dispositivos cada vez mais esmagadores de que os aparatos de poder dispõem nas nossas sociedades de controle. O niilismo não se limita a uma questão acadêmica. Tampouco se restringe ao arco de autores que, de Schopenhauer e Nietzsche a Heidegger, passando por Dostoiévski e os existencialistas, teria dado lugar a algum “pós-tudo” festivo. Ele é uma marca decisiva de nossa pós-modernidade.

Dá nome, em seu *nihil* (nada), a um certo estado de esgotamento vital que cada vez mais ganha corpo, um “corpo blindado” (ibid., p. 31-2), hiper-excitado e/ou anestesiado, virtualizado nos circuitos de consumo e de desejo mercantilizado; um corpo estropiado, tal como se nota nas ruas de uma cidade como São Paulo, apinhadas de homens, mulheres e crianças ao relento, ou caminhando a esmo do nada ao nada, por vezes recobertos de vestimentas

especialmente irônicas, como a camiseta da Seleção Brasileira de futebol. Zumbis ou “ciberzumbis” (ibid.), sonambúlicos reféns de uma lógica de sobrevivencialismo, que fazem eco, em rotinas cinzentas, mais ou menos “produtivas” mas vazias, à “vida besta” do poema “Cidadezinha qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade.

O sopro inspirador do mestre itabirano em nosso trabalho é, aliás, central. Seu poema “A Flor e a Náusea”, publicado em *A Rosa do Povo*, de 1945, (cf. Drummond, C., 2012, p. 310-312), nos despertou para essa dinâmica de antagonismo entre a “náusea”, que o poeta toma diretamente de Sartre, como um metáfora de inércia e opressão, por um lado, e a “flor” como símbolo poético (e político) de algo que em nós e na polis amordaçada ainda resiste ao massacre dos valores propriamente humanos e sua subsunção no “nada” do sistema de coisificação mercantil das pessoas e dos afetos.

Do ponto de vista de nossa trajetória acadêmica pessoal, esta pesquisa visa a dar continuidade e novos frutos a uma linha de trabalho que remonta ao mestrado em filosofia na USP e que se prolongou, com progressivo detalhamento, no doutorado –um diálogo entre Sartre e Camus– e em experiências docentes (sempre tão essenciais à pesquisa) como o curso dado no departamento de Filosofia da USP em 2015 (cf. <http://sce.fflch.usp.br/node/2102>).

Queremos contribuir para uma recepção renovada de Sartre no Brasil através, em primeiro lugar, da facilitação do contato direto de nosso público com sua obra, via tradução de um texto inédito, do pensamento e da criação estética do autor.

Além de materiais novos, pretendemos oferecer um aprofundamento do diálogo Sartre / Nietzsche, mais especificamente na chave temática da criação mitopoética como antídoto ao niilismo (para uma alusão mais genérica, e de cunho conceitual-filosófico, distante do território literário que privilegiaremos, às influências nietzschianas em Sartre, vide, p ex., Woodward. A., 2016, p. 73-80).

O diálogo entre filosofia e literatura que aqui propomos se insere numa linhagem que tem no Brasil antecessores do calibre de um Benedito Nunes, com seus magistrais ensaios –aliás fundamentados em Sartre– sobre Clarice

Lispector, por exemplo (Nunes, B., 1995). Trata-se de uma articulação vocacionada a enriquecer ambos os polos do diálogo, instigando a filosofia a escapar da aridez conceitual abstrata e a crítica literária a ir além de um casulo formalista que faria supor que os grandes textos imaginativos não têm contextos sociais, históricos e existenciais que participam direta e indiretamente, voluntária ou involuntariamente da constituição do sentido do fenômeno literário. O arrojo e excelência do departamento de Filosofia da FFLCH-SP, e a possibilidade de um novo momento de parceria e interlocução com o professor Franklin Leopoldo e Silva, cuja produção intelectual tem entre suas marcas a meditação dos laços entre filosofia e literatura, são estímulos para que eu procure este laço institucional para tal empreitada.

Ainda que o “teatro político” nos moldes do século XX tenha entrado em declínio desde pelo menos a década de 1970 (cf. Pavis, P., 2017, p. 242), a radicalidade da experiência sartriana, segue tendo um misterioso poder de atração. “Vem-se falando com certa insistência, e não só em Paris”, diz o saudoso professor Gerd Bornheim num texto publicado no ano de sua morte, em 2002, “sobre uma renovação do interesse pelo pensamento de Sartre em nossos dias”.

E tal fenômeno, prossegue Bornheim, se deve, por um lado, ao fato de os dilemas enfrentados pelo existencialismo serem ainda, em grande medida, os nossos, nesse novo milênio, e também por um dado “estilístico” que permeia a escrita sartriana, até em seus momentos mais perigosos de defesa de uma luta política que saiba recorrer sem remorsos à violência, não só na Resistência aos nazistas, pano de fundo em comum de *Bariona* e *As Moscas*, mas também na construção do projeto revolucionário, tal como retratada em outras peças-chave como *As Mãos Sujas* (1948) (aqui ainda ambigualmente) e na incendiária *O Diabo e o Bom Deus* (1951); “nosso filósofo será sempre um sedutor, e isso basicamente porque ele soube apossar-se de um traço todo seu (...) “[a capacidade de] comunicar como poucos a volúpia que ele mesmo experimentava na construção de cada frase que escrevia. Nem se imagine a possibilidade de um escritor pleno sem a figura desse saber-sabor” (cf. Bornheim, G., apud Sartre, J.-P., 2002, p. 7). Nosso trabalho se considerará

exitoso se souber, nos termos e limites do que pretende, bem “traduzir” e transmitir essa atualidade e esse poder de sedução.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A) OBJETIVOS

1. Análise comparativa de *Bariona* e *A Náusea*, visando a identificação de uma guinada do autor de um *niilismo passivo* a um *niilismo ativo*, pela descoberta do engajamento como uma experiência mítico-ritual em que a história (o enredo e ou a situação histórica concreta), *enquanto história monumental*, é posta “a serviço da vida”, segundo os termos tomados de empréstimo junto a Nietzsche.
2. Tradução da peça *Bariona, ou le Jeu de la Douleur et de L’Espoir*, conjugada com a produção de notas explicativas e artigos sobre as alusões bíblicas da peça e reverberações dela em textos posteriores, teatrais, romanescos e filosóficos, do autor.
3. Reflexão sobre a releitura libertária do mito de Natal por Sartre à luz do contexto histórico de adesão da hierarquia católica ao regime colaboracionista de Vichy.

B) MATERIAL E MÉTODOS

1. A pesquisa terá cunho eminentemente bibliográfico, analítico, comparativo e diacrônico entre momentos limitados e específicos, conforme o descrito, envolvendo as obras *Bariona* e *A Náusea*, de J-P. Sartre.

2. O trabalho se valerá da edição de *Bariona* presente na edição da Pléiade do *Théâtre Complet* de Sartre (Paris: Gallimard, p. 1115-1179, 2005c), e de *La Nausée* conforme a edição comentada das *Oeuvres Romanesques* de Sartre, também pela Pléiade (Paris: Gallimard, p. 1-210, 2005b), cotejada com a tradução brasileira de Rita Braga (Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 2015).
3. Haverá aplicação, explicitadas e respeitadas as diferenças de contexto entre nosso *corpus* e o acervo categorial mais amplo da filosofia nietzschiana, dos conceitos de “nihilismo passivo e ativo”, esboçados em *A Vontade de Poder* (Nietzsche, F. *A Vontade de Poder*. Trad. Fernandes, S. P. & Moraes, F. J. D., S. Paulo: Contraponto, 2008) e de mito e “história monumental”, conforme discutidos pelo pensador alemão na terceira das *Considerações Extemporâneas* (Nietzsche, F., “Consideração ...”, in: *Escritos sobre História*. Trad. Sobrinho N. C. M. Rio de Janeiro: rd. PUC-RJ, 2005). Além disso, o recurso pontual à obra *A Poética do Mito*, de Mielietinski, nos ajudará a elucidar essa dimensão pouco reconhecida entre os comentadores sartrianos, a do teatro como fenômeno “religioso”, instância dionisíaca –voltando a Nietzsche aqui– de descentramento da subjetividade cartesiana e husserliana do Sartre de antes da guerra.
4. Na exegese da peça e do romance, a *close reading* vai focar as peculiaridades de enredo, personagens, imagens e ideias, sem jamais perder de vista a tensão e entrelaçamento estrutural entre literatura e filosofia, em Sartre, o que solicitará uma revisitação, ainda que forçosamente seletiva, a passagens pertinentes de ensaios teóricos como *A Transcendência do Ego*, *O Imaginário*, *O Ser e o Nada*, *O Existencialismo é um Humanismo* e *Questão de Método*.

CRONOGRAMA

meses tarefa	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24
1	X	X	X	X	X	X						
2				X	X	X	X					
3					X	X	X	X				
4						X	X	X				
5						X	X	X	X			
6							X	X	X			
7					X	X	X	X	X	X		
8									X	X	X	X

TAREFAS

1. Tradução da peça *Bariona*.
2. Leitura sistemática de *Bariona*.
3. Leitura sistemática de *A Náusea*.
4. Levantamento bibliográfico complementar.
5. Rastreamento de elementos de “contexto” biográfico, filosófico e histórico latentes à peça e ao romance.
6. Explicitações conceituais das chaves hermenêuticas balizadoras do estudo: niilismo ativo e niilismo passivo; poética do mito / história monumental.
7. Análise / Leitura comparativa das obras *Bariona* e *A Náusea*.
8. Preparação e Redação dos textos finais (relatórios, publicações).

RESULTADOS ESPERADOS

- A tradução comentada de *Bariona*.
- Participação em congressos de filosofia e crítica literária.
- Organização/Participação em cursos de Pós-graduação junto ao Departamento.

-Cursos de extensão junto ao Departamento de Filosofia (ou eventualmente outro departamento) sobre o niilismo em Nietzsche e Dostoiévski e o existencialismo sartriano, sobre o teatro de Sartre e sobre a poética do mito (nos permitindo, este último, a possibilidade de falarmos de uma outra tradução nossa, esta publicada pela editora Vozes no ano de 2018, a saber, *O Livro Vermelho de Jung – Chaves de Compreensão de uma Obra Inexplicável*, de Bernardo Nante).

-Artigos correlatos aos resultados das pesquisas e aos cursos acima citados.

-Direção de Seminários de Leituras e Pesquisas relacionadas aos temas em estudo.

BIBLIOGRAFIA

Apresentamos bibliografia ampliada que dá sustentação ao projeto e à pesquisa a ser realizada.

Albérès, R.-M., *Jean-Paul Sartre*. Belo Horizonte: ed. Itatiaia, 1958.

Alves, I. S., "Que É o Teatro de Situações?", in ALVES, I. S. (et. al.), *O Drama da Existência – Estudos sobre o Pensamento de Sartre*. S. Paulo: ed. Humanitas, 2003.

Andrade, C. D., *Poesia 1930-62 (Edição Crítica)*. Júlio Castañon Guimarães (org.). S. Paulo: Cosac & Naify, 2012.

Bakewell, S., *No Café Existencialista*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: ed. Objetiva, 2017.

Beauvoir, S. *La Force des Choses*. Paris: ed. Gallimard, 1967.

Beauvoir, S., *A Força da Idade*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 1984.

Bevidas, W., *Inconsciente et verbum*. S. Paulo: ed. Humanitas, 2002

Bentley, Eric, *O Dramaturgo Como Pensador*. Trad. Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1991.

Bornheim, G., "Duas palavras para uma apresentação desnecessária", in: Sartre, J.-P., *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Bornheim, G., *Sartre*. S. Paulo: ed. Perspectiva, 2007.

Cohen-Solal, A., *Sartre*. Trad. Milton Persson. Porto Alegre: ed. L & PM, 1986.

Deleuze, G., *Nietzsche*. Trad. Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2001.

- Deleuze, G., *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. António M. Magalhães. Porto: Ed. Rés, 2001b.
- Deleuze, G., *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: ed. Graal, 2009.
- Deleuze, G., “Ele foi meu mestre”, in: id., *A Ilha Deserta e Outros Textos*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. S. Paulo: Iluminuras, 2010.
- Denis, B., *Literatura e Engajamento de Pascal a Sartre*. Trad. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru, SP: Edusc, 2002.
- Durand, G., *O Imaginário*. Trad. René Eve Levié. Rio de Janeiro: ed. Difel, 2001.
- Eliade, M., *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. S. Paulo: ed. Perspectiva, 1994.
- Fleischmann, “Weber e Nietzsche”, in: Cohn, G. (org.), *Sociologia: Para Ler os Clássicos*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- Fox, N. F., *The New Sartre*. Nova York & Londres: Continuum, 2003.
- Goethe, J. W., *Fausto – uma Tragédia*. Trad. Jenny Klabin Segall. S. Paulo: ed. 34, 2006.
- Jeanson, F., *Sartre*. Trad. Elisa Salles. Rio de Janeiro: ed. José Olympio, 1987.
- Kafka, F., *A Metamorfose*. Trad. Modesto Carone. S. Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Kafka, F., *O Processo*. Trad. Modesto Carone. S. Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Kristeva, J., *Sentido e Contra-senso da Revolta*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 2000.
- Lévy, B.-H., *O Século de Sartre*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 2001.
- Liudvik, C., “Orestes na Barricada: As Moscas e a Resistência ao Nazismo”, (prefácio), in: SARTRE, Jean-Paul, *As Moscas*. Trad. Caio Liudvik. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 2005.
- Liudvik, C., *Sartre e o Pensamento Mítico – Revelação Arquetípica da Liberdade em As Moscas*. S. Paulo: ed. Loyola, 2007.
- Malufe, A. C., “Deleuze-Beckett: um Encontro-leitura”, in: Fornazari, S. K. (coord.), *Deleuze Hoje*. S. Paulo: Fap-Unifesp, 2014.
- Leopoldo e Silva, F., *Ética e Literatura em Sartre – Estudos Introdutórios*. S. Paulo: ed. Unesp, 2004.
- Mészáros, I., *A Obra de Sartre – Busca da Liberdade*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. S. Paulo: ed. Ensaio, 1991.
- Mielietinski, E. M., *A Poética do Mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: ed. Forense, 1989.
- Moravia, S., *Sartre*. Trad. José Eduardo Rodil. Lisboa: ed. 70, 1985.

- Mortara, Marcela, *Teatro Francês do Século XX*. Rio de Janeiro: 1970, Serviço Nacional de Teatro/ Ministério da Educação e Cultura.
- Moisés, M., *Dicionário de Termos Literários*. S. Paulo: Cultrix, 2013.
- Murdoch, I., *Sartre— Romantic Rationalistic*. Londres: ed. Fontana / Collins, 1971.
- Nante, B., *O Livro Vermelho de Jung – Chaves de Compreensão de uma Obra Inexplicável*. Trad. Caio Liudvik. Petrópolis: 2018, ed. Vozes.
- Nehamas, A., *Nietzsche – Life as Literature*. Harvard: Harvard University Press, 1985.
- Niemeyer, C. (org.), *Léxico de Nietzsche*. Trad. André Muniz Garcia et. al. S. Paulo: ed. Loyola, 2014.
- Nietzsche, F., *O Nascimento da Tragédia*. Trad. J. Guinzburg. S. Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Nietzsche, F., *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César Souza. S. Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Nietzsche, F., “Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida”, in: id., *Escritos sobre História*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: rd. PUC-RJ, 2005.
- Nietzsche, F. *A Vontade de Poder*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. S. Paulo, Contraponto, 2008.
- Noudelmann, François, *Huis Clos e Les Mouches de Jean-Paul Sartre*. Paris, 1993, ed. Gallimard.
- Nunes, B., *No Tempo do Niilismo e Outros Ensaios*. S. Paulo: ed. Ática, 1993.
- Nunes, B., *O Drama da Linguagem – Uma Leitura de Clarice Lispector*. S. Paulo: ed. Ática, 1995.
- Pelbart, P. P., *O Averso do Niilismo – Cartografias do Esgotamento*. S. Paulo: ed. n-1.
- Perdigão, P., *Existência e Liberdade – uma Introdução à Filosofia de Sartre*. Porto Alegre: ed. L&PM, 1995.
- Pavis, P., *Dicionário da Performance e do Teatro Contemporâneo*. Trad. J. Guinsburg et. al. S. Paulo: ed. Perspectiva, 2017.
- Peterson, Jordan, *12 Regras para a Vida – Um Antídoto para o Caos*. Trad. Wendy Campos et. al., Rio de Janeiro: Alta Books, 2018, 2016.
- Romano, L. A. C., *A Passagem de Sartre e de Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- Rosset, C., *Schopenhauer, Philosophe de l’Absurde*. Paris: Puf, 2013.
- Sartre, J.-P., "O Existencialismo É um Humanismo", trad. Vergílio Ferreira, in *Os Pensadores*. S. Paulo: ed. Abril Cultural, 1978 [e reedição de 1987].
- Sartre, J.-P., *L' Être et le Néant – Essai d' Ontologie Phénoménologique*. Paris: ed. Gallimard, 1987.
- Sartre, J.-P., *Un Théâtre de Situations*. Paris, ed. Gallimard, 1992.

- Sartre, J.-P., *As Palavras*. Rio de Janeiro, ed. Nova Fronteira, 2000.
- Sartre, J.-P., *O Ser e o Nada*. Petrópolis, ed. Vozes, 2001.
- Sartre, J.-P., *Le Mur*. Paris: ed. Gallimard, 2002.
- Sartre, J.-P., *Huis Clos, suivi de Les Mouches*. Paris, ed. Gallimard, 2003.
- Sartre, J.-P., *As Moscas*. Trad. Caio Liudvik. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 2005a.
- Sartre, J.-P., *Oeuvres Romanesques*. Paris: ed. Gallimard, 2005b.
- Sartre, J.-P., *Théâtre Complet*. Paris: Gallimard, 2005c.
- Sartre, J.-P., *O Ser e o Nada*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: ed. Vozes, 2008.
- Sartre, J.-P., *A Náusea*. Trad. Rita Braga. Petrópolis: Vozes, 2015.
- Schirer, W., *A Queda da França – O Colapso da Terceira República*. Trad. Leonidas Gontijo de Carvalho. Rio de Janeiro: ed. Record, s/d.
- Schopenhauer, A., *As Dores do Mundo*. Trad. José Souza de Oliveira. S. Paulo: EDIPRO, 2016.
- Sherman, D., “Absurdo”, in: Dreyfus, H. & Wrathall, M. (orgs.), *Fenomenologia e Existencialismo*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti & Luciana Pudenzi. S. Paulo: ed. Loyola, 2012.
- Woodward, A., *Nietzscheanismo*. Trad. Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis: ed. Vozes, 2016.